

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

GESLANE MARIA DA SILVA

**A EJA SOB O OLHAR DE UMA ESTAGIÁRIA: REFLEXÕES SOBRE
ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EMANCIPAÇÃO**

MACEIÓ-AL

2026

GESLANE MARIA DA SILVA

**A EJA SOB O OLHAR DE UMA ESTAGIÁRIA: REFLEXÕES SOBRE
ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EMANCIPAÇÃO**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do
Curso de Pedagogia do Centro de Educação da
Universidade Federal de Alagoas como
requisito parcial para obtenção da nota final do
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

MACEIÓ-AL

2026

GESLANE MARIA DA SILVA

A EJA SOB O OLHAR DE UMA ESTAGIÁRIA: REFLEXÕES SOBRE
ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EMANCIPAÇÃO

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25/06/2026.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora



Documento assinado digitalmente
JEANE FELIX DA SILVA
Data: 04/07/2026 12:08:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL)

Presidenta



Documento assinado digitalmente
ALLAN DIEGO RODRIGUES FIGUEIREDO
Data: 04/07/2026 13:15:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Allan Diego Rodrigues Figueiredo
Examinador - CEDU/UFAL



Documento assinado digitalmente
GIVANILDO DA SILVA
Data: 04/07/2026 19:42:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Givanildo da Silva
Examinador - CEDU/UFAL

A EJA SOB O OLHAR DE UMA ESTAGIÁRIA: REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EMANCIPAÇÃO

YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA) THROUGH THE EYES OF AN INTERN: REFLECTIONS ON LITERACY, BILITERACY, AND EMANCIPATION

Geslane Maria da Silva
geslane.silva@cedu.ufal.br

Jeane Félix da Silva
jeane.silva@cedu.ufal.br

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, apresentado em formato de relato de experiência, tem como finalidade apresentar reflexões sobre os desafios, contribuições e repercussões que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da experiência do estágio supervisionado Trata-se de um relato de experiência, produzido a partir das reflexões advindas do Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento, componente curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, que foi realizado no contexto da EJA. As reflexões apontam para o caráter transformador da EJA ao passo que revela a relevância de estar em formação e ser uma estagiária em processo de construção de identidade docente, evidenciando anseios, aprendizagens, desafios, encantamentos e transformação pessoal, profissional e humana no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização e Letramento. Identidade docente. Relato de Experiência. Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

This Final Course Work, presented as an experience report, aims to reflect on the challenges, contributions, and repercussions of Youth and Adult Education (EJA) based on the supervised internship experience. It consists of an experience report derived from reflections during the Supervised Internship in Literacy and Biliteracy (Alfabetização e Letramento), a mandatory course component of the Pedagogy degree at the Federal University of Alagoas, conducted within the context of EJA. The reflections highlight the transformative nature of EJA while underscoring the relevance of teacher education and being an intern building a teaching identity. It evidences the anxieties, learnings, challenges, enchantments, and personal, professional, and human transformations within the context of Youth and Adult Education.

Keywords Youth and Adult Education. Literacy and Biliteracy. Teaching Identity. Experience Report. Pedagogy Course.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade da Educação Básica voltada a oferecer oportunidades educacionais para quem não conseguiu concluir os estudos na idade considerada regular, ou seja, na adolescência e/ou na juventude. A não conclusão dos estudos pode ter sido motivada por inúmeras situações, entre as quais a necessidade de trabalhar precocemente, o casamento e a chegada dos/as filhos - especialmente para as mulheres, entre outras igualmente desafiadoras.

A EJA é, nesse sentido, uma chave que abre novos caminhos, permitindo aos sujeitos jovens, adultos e idosos retornarem à escola e exercer o direito à Educação e, assim, terem a possibilidade de enxergar um mundo novo a partir de suas próprias construções humanas, sociais e pessoais. É uma chance de perceber a vida ganhando ritmo, tomando novos rumos, e de reencontrar sentido e identidade à luz dos sonhos antes silenciados pela dureza da realidade. De acordo com Di Pierro (2017, p. 11), a EJA é delimitada não apenas pela idade, mas pelas precárias condições socioeconômicas que influenciam diretamente o “analfabetismo, a baixa escolaridade e a insuficiente formação profissional”.

No contexto da EJA, o processo educativo deve romper com o modelo tradicional de transmissão de conteúdos de forma que a prática pedagógica valorize as experiências de vida, os valores, o trabalho, as subjetividades e as vivências únicas de cada estudante. Assim, o ato de ensinar, segundo Freire (1996), não se reduz ao ato de transferir conhecimentos e sim de possibilitar a construção dos aprendizados. Nesse processo, à medida que se ensina se aprende de modo que enquanto se aprende se ensina. Com isso, ser educador(a) na EJA vai além da burocracia, exige ética, empatia e respeito mútuo entre professores(as) e alunos(as). Essa postura transforma a sala de aula em um espaço de trocas onde ambos se moldam e aprendem juntos no processo educativo, assim como aponta Freire:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém (Freire, 1996, p. 12).

Essa reflexão mostra a força transformadora do ato de ensinar, este um processo de troca e criação rico e de uma imensa potência, assim a docência deve comprometer-se com a formação crítica e com a emancipação dos sujeitos aqui em específico na EJA.

Com base nisso, este trabalho objetiva apresentar reflexões sobre os desafios, contribuições e impacto que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da experiência do estágio supervisionado. Debatendo como vivenciar este espaço impacta na formação docente refletindo também sobre alfabetização, letramento e emancipação no contexto da EJA a partir da minha experiência no Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento¹, componente obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, cursado em 2025, em uma turma de EJA em uma escola pública municipal de Maceió. Do ponto de vista metodológico, este trabalho é de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da técnica do relato de experiência.

¹ O referido Estágio Supervisionado foi ministrado pela professora Jeane Félix da Silva, que também é orientadora deste trabalho, em parceria com o professor Andresso Marques Torres.

A abordagem qualitativa é, segundo Minayo (2001), aquela que se ocupa de estudar “um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Seriam os “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2001, p. 22). Já o relato de experiência, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 65), “é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção”.

Para os autores, “na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica”. É, nesse sentido, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante) (Mussi, Flores e Almeida, 2021, p. 64). No meu caso, os relatos foram anotados em um caderno durante ou logo após as experiências na escola, o que me permitiu ter as ideias ainda frescas e fazer reflexões sobre elas. Retornei a essas anotações para a escrita deste trabalho articulando-as com minhas vivências, experiências e o contato direto que tive com a EJA.

Este trabalho está organizado em 4 partes, sendo esta de introdução; a próxima que apresenta uma breve contextualização da EJA no Brasil; a terceira, em que apresento as minhas reflexões a partir da experiência no Estágio; e, por fim, as conclusões.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Para compreender um pouco a docência na EJA é necessário compreender sua trajetória histórica. De acordo com Santos e Silva (2021), em meados do século passado, a defasagem na conclusão do Ensino Fundamental e Médio caracterizou-se como um grave problema social, interpretado pelo Estado como um obstáculo ao progresso do país. Como resposta, foram articuladas estratégias governamentais em programas como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e outras campanhas de alfabetização voltadas à “erradicar” o problema do analfabetismo no Brasil (Freitas; Fávero, 2015). No entanto, cabe refletir que tais iniciativas eram pouco efetivas devido ao seu caráter assistencialista. Nelas, o sujeito não alfabetizado era tratado como um “atraso” ou um problema a ser corrigido para atender às demandas de desenvolvimento da sociedade, como a necessidade de mão de obra funcional.

Sabe-se que a EJA é uma modalidade de educação que possibilita a garantia de direitos e compensação de dívidas histórico sociais do nosso país para com os/as alunos/as e em vista disso para melhor compreender este processo e sua estruturação é imprescindível analisar de que forma a EJA se estabeleceu como modalidade de ensino e como ela se articula

de forma direta com os principais referenciais normativos da educação estes a Constituição Federal de 1988 (Brasil/1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996).

No que tange às atribuições da Constituição Federal de 1988 e aos seus princípios, a EJA é dever do Estado, o qual deve assegurar não apenas o acesso à educação básica, mas também possibilitar a permanência dos/as educandos/as nesse nível de ensino assegurando condições favoráveis a continuidade e a conclusão dos estudos. Tal princípio está presente no inciso I do Art. 208 que institui:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Brasil, 1988, Art. 208).

Considerando tais aspectos, para que esses preceitos sejam implementados é necessário uma intervenção que estruture políticas públicas eficazes e ações pedagógicas integradas que tornem estes fatores concretos. Nesse contexto, é a LDB que possibilita a materialização do que está previsto na Constituição Federal, tornando a EJA legalmente reconhecida como uma modalidade obrigatória da educação básica, deixando de ser apenas uma obrigação jurídica ancorada por lei e que desafia a educação brasileira e principalmente as escolas a possibilitar a efetivação deste direito.

Nessa perspectiva, a EJA como modalidade, foi desenvolvida como uma resposta às desigualdades sociais e como garantia do direito à educação em qualquer idade. O resgate histórico evidencia a transição das campanhas assistencialistas para a atual concepção, que busca romper de forma significativa com as concepções anteriores da educação ofertada para jovens e adultos/as, deixando de lado a mera formação de mão de obra para dar lugar à validação dos direitos.

Apesar disso, ainda há muita evasão nas turmas de EJA. Conforme Santos e Silva (2021), esse abandono é impulsionado por condições socioeconômicas precárias, falhas nas políticas públicas e escassez de professores/as capacitados/as para as especificidades da EJA, o que permanece sendo um dos grandes problemas para a efetivação desta modalidade de ensino na atualidade. Somam-se a esse cenário conflitos familiares, ausência de uma rede de apoio e fatores psicológicos como vergonha e baixa autoestima.

Assim, sob um olhar crítico, esses fatores não podem ser vistos como dificuldades individuais dos sujeitos da EJA, mas como reflexo das desigualdades sociais e violência estrutural histórica que refletem na vida dos/as educandos/as. Por exemplo, a vergonha e baixa autoestima não vem diretamente do aluno/a da EJA, são desencadeadas desde a retirada do acesso à educação na infância até a atualidade quando são alvo de descaso, olhares,

julgamentos e rótulos incabíveis. Com isso, reconhecer a falta de escolaridade é compreender também que não se deve atribuir a falha educacional ao sujeito ou à escola, tampouco achar que ela sozinha seja capaz de resolver as mazelas sociais alimentadas e reproduzidas ao longo dos anos. O acesso, a permanência e o sucesso desse público depende de uma rede de elos fortalecidos que permitam que eles/as se sintam acolhidos, respeitados, ouvidos e valorizados.

A EJA, em geral, carrega consigo trajetórias com marcas e cicatrizes das muitas falhas sociais deixadas nas vidas dos sujeitos pobres que, por razões distintas, precisaram abandonar a escola. Pensando em como discorrer tal temática surge uma palavra insistente e muito presente "analfabetismo", a situação da pessoa que não sabe ler nem escrever, que fez ligação direta com o que aqui será trazido, isto é, alfabetização e letramento na EJA, e as bases para ler e escrever o mundo assim como emancipação do sujeito e do/a docente.

De acordo com o censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de analfabetismo no Brasil apresentou uma redução significativa em relação ao censo realizado em 2010, no qual ressaltou que a taxa de analfabetismo passou de 9,6% para 7%, no que diz respeito às pessoas com 15 anos ou mais². Um avanço expressivo na quantidade de pessoas alfabetizadas mas uma redução lenta frente às desigualdades que persistem.

Outro ponto relevante apresentado no Censo é a permanência das desigualdades sociais externadas quando obtidos os resultados da análise dos dados recolhidos na pesquisa, como os fatores raça, cor, cultura, regionalidade e faixa etária. Exemplo de desigualdade é que enquanto pessoas brancas registram uma taxa de analfabetismo de 4,3%, as taxas no que diz respeito às pessoas pretas foi de 10,1%, enquanto pessoas pardas de 8,8% e pessoas indígenas de 16,1%. Dados importantes e que se intensificam quando consideramos questões de gênero em que mulheres apresentam taxa de alfabetização pouco acima de 93,5% em relação aos homens que apresentam 92,5%, mas apesar dessa pouca diferença em quesitos de educação entre homens e mulheres estes são valores que se invertem quando falamos de pessoas idosas, em que a quantidade de homens alfabetizados é maior que a de mulheres.

No que tange também às questões relativas à idade, é importante destacar que pessoas com idade entre 15 e 19 anos são apenas 1,5% das pessoas não alfabetizadas, enquanto os dados relativos aos/às idosos/as de 65 anos ou mais, os/as não alfabetizados/as chegam a 20,3%. Um outro fator agravante é a concentração de uma quantidade expressiva de pessoas não alfabetizadas no Nordeste e entre grupos vulneráveis, o que mostra que mesmo com a redução notável do analfabetismo, fatores socioeconômicos e culturais ainda exercem forte

²Informações disponíveis em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/22321-alfabetizacao.html>. Acesso em: 20 jun. 2026.

influência sobre o desenvolvimento educacional, o que reflete diretamente nas oportunidades de acesso à escolarização e reforço às desigualdades.

Apesar das desigualdades sociais e regionais, a redução do analfabetismo, mesmo considerando todos os fatores apresentados, mostra avanço gradual na consolidação da educação como um direito fundamental a todas as pessoas e permite compreender que a falta de escolarização não se trata de um problema individual, vem de um processo histórico de exclusão e desrespeito. Tal desrespeito diz não ser alfabetizado quem não sabe ler e escrever, mas nas palavras de Paulo Freire (1989, p. 9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Assim, rotular alguém por não saber ler ou escrever como uma pessoa sem conhecimento é anular a riqueza do ser que se constrói a partir do convívio social, exercido pelas formas como conhecem, experienciam e vivenciam o mundo, visto que os sujeitos leem o mundo em que estão imersos e vivenciam e o percebem e escrevem à sua própria maneira.

Essa perspectiva é pautada na Educação popular. Segundo Di Pierro (2017), na perspectiva da Educação Popular, a educação tem como sentido a construção da autonomia do sujeito, em uma perspectiva dialógica, constituindo um caminho para a emancipação. A autora reconhece que, nessa perspectiva, a educação possui um caráter eminentemente político. Ou seja, não podemos ensinar sem levar em consideração as condições sociais, culturais e econômicas que privilegiam alguns sujeitos e grupos em detrimento de outros.

A educação, nessa perspectiva, tem como essência a existência e a capacidade que temos de nos conectar uns com os/as outros/as por meio de quem somos em nossa subjetividade. Diante disso, torna-se indispensável pensar nas bases que sustentam o ensino destinado ao público da EJA, compreendendo o valor das trocas cotidianas para o processo de aprendizagem dessas pessoas.

Assim, é necessário ao/a professor/a que atua nessa modalidade exercitar um olhar sensível e uma escuta atenta para com os/as educandos/as, reconhecendo que eles/as não são folhas vazias que precisam ser preenchidas, mas livros riquíssimos a serem desvendados. Conforme aponta Madalena Freire (1996), é importante exercer “a educação do olhar” do/a educador/a pois fomos educados/as a ter um olhar preconceituoso que rotula, aponta, julga e classifica as pessoas diante daquilo apenas visto ao olhos e não a alma, por assim dizer.

Nessa ótica, é preciso um olhar atento e reflexivo para com a educação, de modo que o julgamento deve ser substituído pela busca de compreender e entender comportamentos, reconhecendo as subjetividades e características de cada sujeito. Freire (1996) indica que é preciso construir uma identidade e uma autonomia de si mesmo, pois só se torna possível enxergar o outro quando se aprende a olhar para si, buscando compreender nossos valores e construções em que por meio de uma auto análise seja possível se desconstruir e reconstruir, possibilitando entender a essência do outro.

É então fundamental que o/a educador/a reconheça seu papel como docente, mas também compreenda sua própria essência como ser social e humano, para que consiga compreender aqueles/as com os/as quais irá conviver em sala de aula. É necessário ver os/as educandos/as não apenas como integrantes de um grupo de discentes, mas como seres dotados de desejos, vozes, histórias e subjetividades, que agem conforme foram condicionados.

Dessa forma, o ponto de partida para o exercício da docência na EJA é observar o outro, desvendar a si e ao outro e desenvolver práticas pedagógicas que reconheçam valores, cotidianos, culturas, histórias e subjetividades dos/as alunos/as, levando-os/as a reconhecer o lugar que ocupam no mundo, os direitos que possuem e ampliar as suas possibilidades a partir da educação.

Segundo Paulo Freire (2019), a educação de pessoas jovens, adultas e idosas deve ser um ato de conhecimento e conscientização, por meio da qual o/a educando/a é sujeito/a de sua história e não um mero/a receptor/a de informações descontextualizadas de sua realidade social. Para Di Pierro (2017, p. 12), a EJA precisa promover “processos educativos que auxiliem na construção de identidades coletivas, na organização comunitária e na formação política para a cidadania ativa”.

Como dito anteriormente, inicialmente predominava uma visão assistencialista que considerava o educando/a como incapaz e atrasado/a e apagava os saberes e as experiências que cada ser traz em sua jornada. Esse público era atendido com estratégias de ensino infantilizadas e uma abordagem compensatória em que a oferta de educação, restrita às propostas de alfabetização, era percebida quase como um favor.

Para romper com esse histórico de negação e exclusão a EJA foi consolidada sob a perspectiva da emancipação de modo que a modalidade de ensino que reconhece o/a educando/a como sujeito de direitos cujos saberes devem ser reconhecidos e valorizados no contexto dos processos educativos. De acordo com Rambo:

Falar em emancipação retomando Freire (2000), é falar das diferentes formas de opressão e de dominação no mundo neoliberal e de exclusão. É falar de pessoas que vivem de grandes necessidades materiais, de subtração subjetiva e que acabam por ter ausência da alegria de viver, da conscientização principal para conseguirem encontrar a liberdade, a felicidade e a cidadania que desenha democracia. Portanto, o processo emancipatório, percorrendo essa visão, acontece de uma intencionalidade política que assume um futuro voltado para transformação social Rambo (s.d, p. 2).

Assim, a EJA na perspectiva de emancipação, deve estar voltada para promover reflexões que permitam aos/às educandos/as pensar sobre o mundo, sobre as suas condições de vida, seu trabalho e remuneração. A emancipação é fruto de uma educação dialógica, voltada à permitir que os sujeitos tomem consciência dos processos de exploração ao qual têm sido submetidos ao longo da vida e sejam capazes de lutar contra estes fatores.

2 EXPERIÊNCIA COM A EJA: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Nesta parte do trabalho, me atendo ao meu apego à EJA com o desafio de relatar algumas das aprendizagens e observações advindas do Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento, ocorrido em contexto de EJA validando também momentos em que pude vivenciar a EJA no seu cotidiano. Tal experiência me permitiu conhecer a realidade da EJA e sentir o que é ser docente nesta modalidade.

Sobre o Estágio Supervisionado, Pimenta e Lima (2005/2006, p. 6) afirmam que ele “se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental”. Para as autoras, “enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa (Pimenta e Lima, 2005/2006, p. 6).

Nisto, este relato de experiência busca apresentar as reflexões, emoções, experiências, vivências e aprendizagens vivenciadas ao longo do estágio já relatado, buscando entrelaçar o movimento da alma de quem aqui escreve com as análises e resultados obtidos durante o estágio, revelando o olhar construído sobre os desafios, contribuições e repercussões da alfabetização e do letramento como base para a emancipação dos sujeitos, a partir das vozes e saberes que cruzaram meu caminho e me forjam docente e humana.

Na construção deste texto fiz uso de anotações pessoais registradas em diário de campo, material didático manuseado, debates e atividades realizadas nas propostas de intervenção e as memórias das interações ocorridas durante o Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento. O percurso metodológico seguiu as etapas de observação participante com empenho em exercitar uma escuta atenta e olhar sensível e crítico, unidos à análise das práticas pedagógicas da docente regente da sala em que fiz estágio, buscando promover a indissociabilidade entre teoria e prática.

Por fim, recorro à teorização desses momentos e busco unir o fazer docente ao pensar acadêmico externado na realização das atividades que foram pensadas para realizar com os/as educandos/as a partir da análise dos dados obtidos durante o período de observação. Isso permitiu que as vivências ocorridas na escola campo de estágio fossem sistematizadas e dialogadas com o referencial teórico estudado ao curso da graduação, transformando minhas vivências em um objeto de reflexão crítica sobre o ser docente e ser discente.

Lembro-me assim do que diz Freire (1996, p. 34), “satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a

abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência”. Dessa forma, a escolha desta temática para a produção se deu pela inquietude, curiosidade e encanto que brotou com a EJA como um espaço que possibilita a construção de um olhar e de uma escuta sensível e crítica, comprometidos com os sujeitos e que me colocou diante da realidade, o que empolgou a busca pela compreensão do quão importante é esta modalidade de ensino e sua missão social e humana aflorando e favorecendo reflexões sobre a EJA e seus sujeitos alimentando minha curiosidade aberta ao mundo que me molda.

O estágio que fundamenta este relato de experiência ocorreu em uma instituição da rede municipal de ensino de Maceió. A instituição oferece todos os níveis de ensino e modalidades atendendo a demanda diurna de turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e, no noturno, EJA nos 1º e 2º segmentos da EJA com estudantes, em sua maioria adultos e idosos/as, que buscam retomar seus estudos interrompidos por inúmeras razões.

2.1 O CHÃO DA ESCOLA: O ENCONTRO COM A REALIDADE DA EJA

A turma na qual realizei o estágio possuía 15 educandos/as matriculados/as, dos quais destes somente a média 10 educandos/as mantiveram constância às aulas, muitas das vezes, os/as que iam em uma semana não eram os/as mesmos da semana seguinte. Era uma turma composta por pessoas adultas e idosas e, em sua maioria, mulheres. Em relação à ocupação, a turma era formada por donas de casa, pedreiros/as, marceneiros/as e trabalhadores/as de empresas com uma carga nos ombros e no olhar, e isso era perceptível e presente em cada fala.

A turma de estudantes em questão não era somente composta por pessoas que voltaram ao âmbito escolar tardiamente: são trabalhadores/as, donas de casa e jovens que carregam consigo uma carga de vida importante e significativa de cansaço, cicatrizes, sofrimentos, anseios e lutas, que possuem saberes advindos de suas vivências marca de suas sobrevivências. Estes mesmos sujeitos buscaram no retorno à sala de aula uma evolução e melhoria de suas vidas em busca de vidas mais justas e validação dos seus direitos como cidadãos e seres humanos para alcançar seus objetivos e sonhos.

Isto me faz recordar a canção "Coração de Estudante", de Milton Nascimento e Wagner Tiso, que diz em seus versos que algo rico "deve estar dentro do peito", uma força, um sonho, uma resistência guardada que venceu o tempo. Na EJA isso se materializa na identidade dos/as educandos/as que são marcados pelo estigma do fracasso escolar, a vergonha pela idade ou pelo tempo de afastamento vivenciado, marcados pela exclusão social, em que o sujeito volta a escola e leva consigo o profundo anseio por aprender que valida o ato do resgate do pertencimento que ficou adormecido, mas nunca morreu.

Eu percebia, durante as atividades do Estágio, que os/as educandos/as presentes naquela sala de aula eram exatamente assim, tinham medos, sonhos e uma chama de resistência sofrida, mas incansável que mesmo cansados persistem no ato de estarem ali o que mostrava o quanto eles/as ansiavam pela escola e o que ela poderia lhes proporcionar.

Ainda inspirada pela onda poética da canção, seria talvez cada sujeito sua própria semente, que apesar das dificuldades "renova-se a esperança / nova aurora a cada dia", a qual é regada aos poucos e alimentada por uma esperançosa espera que me recorda Freire (1992) e o seu "esperançar", um ato que transborda a mera espera passiva para se tornar ação vital. Esperançar é cuidar da semente (a coragem) e do broto (a permanência), é perseverar. Se mesmo após um dia infindável e exaustivo ainda se escolhe a sala de aula, está-se regando ativamente o futuro em busca paciente pelos frutos. A EJA é, portanto, a ferramenta para essa resistência, a maneira que mais do que aguardar o tempo, é preciso cultivar a esperança.

Isso dialoga diretamente com as reflexões de Arroyo (2017), que caracteriza esses sujeitos como "passageiros da noite". Chamá-los/as assim, não apenas valida sua presença no ensino noturno, mas retrata sua própria essência. São trabalhadores/as e estudantes que chegam às salas de aula repletos de bagagens, carregando as marcas de suas trajetórias e vivências cotidianas, transitando de um lugar a outro, sendo o próprio lar o último e mais breve espaço a ser desfrutado.

Para Arroyo (2017), esses sujeitos são produtores/as de sua própria cultura e construtores/as de saberes, evidenciando que o cotidiano também os/as educa. Assim, a escola precisa abandonar a postura de ignorar os conhecimentos dos sujeitos da EJA, o/a docente deve compreender que o trabalho e o cotidiano também educam. Esses saberes são os pontos de partida para que o trabalho pedagógico se efetive, cabendo ao professor dialogar com eles, e não fingir que não existem. Essa postura dialógica e de escuta foi presente na ação observada por parte da docente regente da turma em questão.

Assim, se tornou impossível não observar que cada história de vida ali exalada, em cada personalidade e sorriso marcantes, é prova da força e resiliência que cada um/a carrega, o que me fez me encontrar, muitas vezes, rindo, sentindo a presença de cada um/a e a vontade de querer alcançar um objetivo, o que considero ser a força e a motivação para ir à escola. Uma turma acolhedora, carismática, inspiradora e receptiva, puramente autêntica e humana.

O período de organização para a execução do estágio se deu em cima de momentos de pesquisa, estudo, preparação e auto observação. Freire (1996) nos convida a observar, olhar com atenção e presença, exercendo uma postura investigativa e reflexiva que possibilita unir a teoria, a prática e a sensibilidade para que, a partir do momento em que há o contato com a instituição, de modo que houveram quatros momentos de inserção na instituição descritos abaixo.

O primeiro momento de aproximação com a instituição foi uma reunião com a equipe gestora. Um encontro que possibilitou o primeiro contato com a organização interna da escola e com a forma como ela lida com as demandas específicas da EJA, incluindo aspectos administrativos e pedagógicos. O diálogo estabelecido foi rico e produtivo, permitindo compreender tanto os pontos positivos quanto os desafios enfrentados pela instituição, além de conhecer as atividades desenvolvidas e os aspectos funcionais, administrativos e educacionais que compõem sua rotina.

Um ponto relevante foi a externalização da gestora referente às dificuldades enfrentadas para manter a modalidade ativa e para obter progresso no exercício das funções pedagógicas e de gestão, pois além da evasão por conta de fatores como falta de transporte para estudantes que moram mais afastados/as da escola, existe a dificuldade que muitos têm de se manter frequentes visto que de dia trabalham e a noite estudam.

A partir dessa preparação, foi possível vivenciar os momentos de observação da escola e da turma a qual o privilégio de estar presente foi permitido. No qual foi possível estar em contato direto com os/as educandos/as, possibilitando observar e conhecê-los/as um pouco. Como diz Freire:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele (Freire, 1996, p. 43).

Fomos ensinados/as que para falar com os/as outros/as, obrigatoriamente, eles/as precisam nos escutar. Porém, para Freire, isso é completamente o contrário, pois é escutando que se aprende a falar com o outro, é uma troca entre iguais. De forma que é preciso esperar o tempo do outro e tentar entender seu ponto de vista. Com isso, para iniciar o estágio de forma efetiva foi crucial ouvir os/as educandos/as e sua professora, e somente assim seria possível iniciar com o processo de pesquisa para qual o estágio abriu caminho de forma que antes de tudo fosse possível dialogar com as essências dos sujeitos.

Em um primeiro momento foi realizada uma análise de como a docente da sala trabalhava e como se dava a organização de sua prática pedagógica e metodologias utilizadas, assim como se dava a aprendizagem dos/as educandos/as e de que forma ocorria a troca entre professor-aluno e aluno-aluno.

Surgiu a percepção de que há uma convivência de troca mútua de carinho e respeito alimentados pela liberdade de troca de saberes e valores, lembrando que o ensinar não se desprende do aprender, são atos indissociáveis pois a medida que a docente ensinava também aprendia com cada ação dos/as educandos/as o que permitia que, enquanto ela passava o

conteúdo teórico a prática dos conhecimentos advindos da carga de vida da turma também ensinava a todo momento. Para Paulo Freire:

O verdadeiro aprendizado se dá na medida em que os educandos se transformam em sujeitos reais da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. [...] É por isso que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática (Freire, 1996, p. 30).

Foi perceptível o quanto a docente utilizou do direito dos/as educandos/as como sujeitos de seus próprios aprendizados. Isso pode ser exemplificado pela seguinte situação: a docente aplicou uma dinâmica que inseriu e trabalhou a alfabetização e letramento por meio de formação de palavras e frases e, à medida que os/as deixava livres para pensarem a forma de escrever uma palavra, de formar uma frase e lê-las com autonomia, observei como ela respeitava o tempo, conhecimentos e valores de cada um/a.

A docente demonstrou uma escuta atenta e sensível às necessidades individuais dos/as educandos/as, atuando de forma direcionada às dificuldades apresentadas. Sua prática revelou uma postura humana, sem perder o rigor e o comprometimento profissional, de modo que ao validar a bagagem e a autonomia dos/as alunos/as, a professora também se abre para aprender com o processo possibilitando uma aprendizagem mútua, viva e respeitosa.

Ainda nesse mesmo dia de observação, os/as educandos/as foram direcionados à sala de informática junto a outra turma. Segundo a docente, a dinâmica foi pensada para que eles/as desenvolvessem maior familiaridade com as tecnologias e trabalhassem noções de leitura e escrita. Ao chegarmos ao local, as professoras regentes nos orientaram a observar, permitindo, contudo, a interação com as turmas. A atividade consistia em jogos digitais de quiz e preenchimento focados em alfabetização e letramento. Nesses jogos, os/as educandos/as deveriam associar palavras às figuras correspondentes, completar lacunas com a grafia correta ou identificar qual objeto, lugar, animal ou alimento correspondia ao termo escrito na tela.

Muitos os/as educandos/as não sabiam mexer no computador. Apesar disso, foi perceptível a satisfação por estarem naquele espaço realizando aquela atividade. Observei que muitos/as deles/as tinham dificuldades para ler as palavras, reconhecer algumas letras ou sílabas. O que foi importante pois foi um momento em que pude sentir a essência do espaço no qual eu estava.

No momento em que começaram as atividades, mesmo com a liberdade de interagir tive receio de não saber ajudar ou ser indelicada de alguma forma. Não me senti preparada

para aquele espaço, as incertezas e inseguranças em ser docente me tocaram. À medida que consegui me aproximar e chegar até eles/as, fui aos poucos lendo o ambiente e tentando ajudar da melhor forma que pude e aos poucos aquele medo se escondeu, me senti mais solta, ainda pude sentir certa limitação mas me senti mais tranquila. Uma experiência que me fez refletir sobre a importância do estágio para a formação de professores/as.

Enquanto ajudava pude compreender de que forma o meu fazer docente será construído, percebi que talvez o medo de errar nunca se vá, mas irá me impulsionar. Enquanto ia ajudando, ouvi dos/as educandos/as uma palavra que ao mesmo tempo que me intimida me motiva, o "professora". Ao ouvir os pedidos de ajuda e ser chamada de professora senti quase como se alguém me abraçasse, como se fosse um abraço quentinho. Deu-me um quentinho no coração, um acalento e uma alegria que me fizeram parar por alguns segundos e marejar um pouco os olhos com um friozinho na barriga. Senti uma briga entre o não sou capaz para estar aqui com o é possível que eu consiga.

Talvez eu sinta demais. Muitas pessoas dizem que sou assim, presa ao extremo das minhas emoções. Mas eu, verdadeiramente, naquele momento, senti que a escolha para formação a qual tanto me causa ansiedade é justamente a que pode cuidar um pouco de mim. Não mascaro nem romantizo as dificuldades de ser docente, mas senti que ser docente é muito mais que ensinar, é tocar almas. Assim como a minha foi tocada. Não que o medo tenha acabado, mas agora acredito que nem todo medo é ruim, que pode ser algo novo que me tira da zona de conforto e confesso que é um desafio enorme lidar com ele, mas os resultados são muito gratificantes.

Considero o momento significativo e com potencial para enfrentar o desafio de ensinar a ler e a escrever, no entanto, a prática revelou alguns obstáculos, presenciei uma aluna desistindo do jogo por não saber manusear o computador e por medo de quebrar o equipamento. Embora as docentes estivessem em sala, notei que não havia disponibilidade total para oferecer o suporte individualizado que a turma demandava.

Por se tratar de uma proposta de inovação pedagógica, as dificuldades inevitavelmente vieram à tona. O fato de muitos/as educandos/as não dominarem as ferramentas digitais e ainda enfrentarem barreiras na leitura e na escrita gerou uma dependência de auxílio. Por outro lado, essa necessidade despertou uma bela interação coletiva, transformando o espaço em um ambiente de troca, em que os/as educandos/as com maior intimidade tecnológica e nível de alfabetização ensinavam aos/as que sabiam menos.

Apesar desse aspecto positivo de solidariedade, vi a necessidade de um letramento digital prévio. Colocar os/as educandos/as diretamente diante de uma atividade que expõe e

reforça suas limitações pode gerar frustração e exclusão, que é o oposto do pretendido. Assim, embora o aprendizado lúdico seja menos exaustivo que o método tradicional de cópia, e o domínio do mouse e do teclado represente uma vitória gigante para esses estudantes, a falta de um preparo anterior ainda corre o risco de desmotivá-los

Na etapa seguinte, acompanhei as aulas para observar como as práticas e metodologias da professora abordavam a alfabetização e o letramento. Contudo, ao analisar os materiais utilizados, percebi um distanciamento entre a proposta pedagógica e a realidade dos sujeitos. A professora priorizava o ensino contextualizado por ser a abordagem com melhor aceitação entre os/as educandos/as; falar de coisas do dia a dia e trabalhar com isso chamava a atenção. Notei também que a docente utilizou materiais lúdicos e interativos para estimular o raciocínio lógico, a memória e a imaginação, em dinâmicas individuais e em grupo e embora recorresse a cópias impressas (xerox) em momentos específicos, o quadro branco foi o principal recurso visual em suas aulas.

A lacuna mencionada é relativa a uma atividade na qual os alunos deveriam identificar determinados desenhos e escrever o nome correspondente ao lado de cada figura. Acredito que propor que um/a adulto/a identifique desenhos simples não seja tão significativo quanto ter acesso a um material o qual utiliza fatores presentes em seu cotidiano, como rótulos de produtos, contas de luz e/ou água, anúncios, mensagens de *WhatsApp*, extrato bancário e outros, seriam mais efetivos e, penso que possibilitariam promover uma alfabetização e letramento mais funcionais. Além de que as letras do material eram pequenas e a tinta da xerox estava falha, o que dificultou um pouco a compreensão de alguns/as estudantes em relação ao que se tratavam as figuras visto que havia alunos/as com dificuldades na visão.

Porém, apesar de externar este fator, compreendo a dificuldade que os/as profissionais de educação enfrentam em exercer suas funções em contexto de EJA visto que, muitos/as, não têm a formação específica para atender este público em suas especificidades. Um exemplo disso é o nosso próprio curso de Pedagogia da UFAL, Campus A.C. Simões, que passou a ter disciplinas obrigatórias de EJA apenas em 2019, antes disso a formação se dava em duas disciplinas eletivas. Esse fato nos permite afirmar que aqueles/as pedagogos/as que foram formados/as em nosso curso antes disso, não tiveram, em sua formação inicial, subsídios para desenvolver um trabalho educativo apropriado na EJA.

2.2 Da observação à ação: o desafio da regência

Durante o período de observação, vivenciei momentos profundamente significativos de interação entre a professora e a turma. A relação era tecida com carinho, cuidado e respeito

mútuo, criando um ambiente acolhedor onde os estudantes se sentiam seguros para compartilhar suas vivências pessoais. Ficou evidente a preocupação genuína e recíproca entre a docente e seus alunos, baseada em um conhecimento de suas realidades de vida. Em meio a esse cenário de cumplicidade, também percebi a marcante dificuldade de leitura e escrita enfrentada por muitos educandos. Compreender essa barreira, que por vezes apaga outras habilidades acadêmicas e tornou-se um fator essencial para guiar o meu estágio, permitindo um planejamento sensível e respeitoso verdadeiramente alinhado à realidade de cada um/a.

Para prosseguir é importante salientar que a dinâmica do estágio foi realizada de forma coletiva, visto que esse componente curricular foi baseado no trabalho em grupo exercido em trio³. Sob essa perspectiva colaborativa, o estágio foi dividido entre o trio para com as frentes de ação, cabendo a nós o processo de pesquisa, estudo, construção, desenvolvimento de atividades, execução e análise crítica de forma conjunta.

Para divisão e otimização dos processos de execução das atividades, cada componente do trio ficou encarregada por uma função em específico, enquanto parte do grupo gerenciava o planejamento geral, uma componente ficava diretamente responsável por executar um momento de cada atividade de forma que todas as estagiárias pudessem interagir direta e indiretamente com as regências. No entanto, as reflexões, vivências, experiências, diálogos e análises críticas apresentadas neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) centram-se nas minhas vivências particulares. Desse modo, o presente relato de experiência diz respeito, exclusivamente, às minhas percepções individuais. Este sendo um relato singular, focado em como essas vivências impactaram a minha formação docente e a minha construção identitária como estagiária.

As atividades foram desenvolvidas por meio de dinâmicas com o intuito de inter-relacionar a alfabetização e o letramento buscando facilitar a compreensão dos estudantes da EJA. Ademais, é necessário salientar que foram pensados em três momentos de regência, porém diante da ocorrência de alguns fatores, estes as comemorações de Páscoa, a Paralisação Nacional da Educação e a greve dos professores/as da rede municipal de Maceió (iniciada em 05/05/2025) o cronograma original sofreu alterações e o calendário de regências foi modificado, sendo possível realizar apenas uma regência com os/as educandos/as esta que aqui será abordada.

³ Cabe ressaltar que a vivência prática e a coleta de dados do referido estágio foram realizadas em trio, conjuntamente com as acadêmicas Larissa Soares de Lima e Tatiane Oliveira Chicuta. No entanto, a análise, a redação, a fundamentação teórica e as reflexões presentes neste relato de experiência foram elaboradas de forma individual.

O processo do estágio foi marcado por um intenso processo de aprendizado baseado em estudo, pesquisa e análise de dados obtidos a partir das observações. Com isso, as atividades foram estruturadas para contribuir de forma efetiva com a instituição e principalmente a turma em questão. Dessa forma, a vivência prática realizada é intitulada "Cada letra conta", a qual teve como objetivo exercitar a consciência fonológica dos/as educandos/as, fazendo uso de práticas pedagógicas que valorizassem os conhecimentos prévios deles/as de forma respeitosa e atenta, trazendo a promoção do reconhecimento das letras e seus sons assim como das sílabas e formação de palavras.

Tudo pensado de forma dinâmica iniciado com uma roda de conversa para socialização do que seria abordado com a turma, bem como para apresentar o objetivo da presença das estagiárias na instituição. Em seguida, iniciamos o diálogo com a turma, perguntando qual o nome e a trajetória escolar de cada um/a. Este foi um momento emocionante para mim, pois as respostas me tocaram expressivamente. Muitos daqueles/as educandos/as relataram as dificuldades no decorrer da vida para estudar, adversidades causadas pela necessidade de trabalhar desde muito cedo, casamentos, gravidezes, necessidade de auxiliar os pais/mães na criação de irmã(o)s mais novos/as, pobreza e até descrença para com a educação por parte dos/as parentes.

Muitos dos relatos mostraram que ainda existem causas que os/as impedem de permanecer indo às aulas, marca do público que frequenta a EJA. Um exemplo foi uma aluna que nos relatou que acordava às quatro da madrugada para fazer o almoço que o marido leva para o trabalho e ao longo do dia cuidava dos netos/as. Um dia exaustivo e com uma grande carga. Observei que, muitas das vezes, essa educanda dormia em sala de aula e, ao ouvi-la, compreendi o motivo. Em outra fala, essa mesma educanda externou que ali era o único lugar em que ela fazia algo por ela, que ela podia ser ela e se sentia viva por assim dizer. Outro exemplo foi o de um educando que precisava sair na metade da aula para ir ao seu trabalho em uma empresa.

Ouvi, nesse tempo, muitos outros relatos de dias intensos e difíceis vividos por aqueles/as educandos/as. Em muitos momentos, quando perguntávamos sobre a motivação para o retorno à escola, o silêncio tomava conta. Percebi que responder a essa pergunta os/as fazia mexer em um passado doloroso. Assim, à medida que a confiança foi sendo ganha passamos a ter as mais emocionantes conversas. Motivações que iam desde conseguir escrever o próprio nome, fazer compras, ler a bíblia, escrever receitas e mensagens e realizar as atividades do dia a dia com total autonomia até sentir a liberdade de se sentir gente, de se sentir livre para ir e vir sem vergonha ou limitações.

Há, nesses relatos, vozes silenciadas, dores, marcas e sonhos esquecidos, reavivados com a chama que a EJA acende. O que tornou ainda mais emocionante, para mim, estar naquele contexto e poder vivenciar tudo o que este espaço me permitiu absorver. Para desenvolver a atividade perguntamos quem tinha o hábito de escrever e apesar de ser uma turma com dificuldades no processo de alfabetização, fiquei feliz em saber que muitos/as escreviam e conseguiam ler textos ou enunciados curtos, mesmo que com dificuldades.

Dando continuidade, apresentamos a nossa proposta de atividade com o uso de letras escritas em *post-its*, permitindo a manipulação livre pelos/as educandos/as. A dinâmica contemplou expor imagens de objetos, lugares, comidas ou remédios e, junto a estas imagens, as palavras que correspondiam às imagens mas que estavam incompletas. Abaixo, em linha reta, várias letras e/ou sílabas, escritas em *post-its*, que completavam as lacunas das palavras presentes no quadro.

A intenção era pedir para que cada educando/a observasse as imagens e, posteriormente, procurasse a letra ou sílaba que completava cada palavra. Pedimos a eles/as que, se soubessem, levantassem a mão e fossem até o quadro preencher a lacuna. Grande parte da turma conseguiu reconhecer as letras e sílabas, assim como conseguiram ler as palavras. Após o preenchimento dos espaços pedimos que copiassem as palavras no quadro e em seguida escolhessem uma palavra e criassem uma frase com ela.

Considero que há, neste momento, uma beleza, pois a medida que cada colega não sabia algo, surgia a empatia de outro/a colega com desejo de ajudar. Observo, nesse gesto, que havia uma abertura, uma alegria em tentar fazer junto, acompanhando e comemorando quando o/a colega conseguia realizar a atividade. Foi assim no complemento das lacunas, na formação de palavras e na construção de frases. Tudo muito especial nos mínimos detalhes.

No decorrer da atividade compreendi o quão difícil é ser docente. Ensinar alguém é algo desafiador e, principalmente, ensinar a ler e a escrever. É necessário estar preparado/a tecnicamente, mas é principalmente entender o tempo de cada educando/a, ajudar individualmente nas dificuldades de cada um/a, e não querer os mesmos resultados para todas as pessoas em um mesmo tempo. Confesso que me senti despreparada pois, até então, apenas tinha aprendido a ensinar crianças a ler e a escrever, o que já é muito difícil. Mas, ensinar crianças é diferente de ensinar pessoas jovens, adultas e idosas e considero fundamental que o nosso curso de Pedagogia esteja atento a essa diferença, abordando os processos de alfabetização e letramento também voltados para o público da EJA.

Apesar disso, considero que essa experiência foi importante para a minha formação. Ao desenvolver a dinâmica planejada, tive a oportunidade de guiar os/as alunos/as no quadro

e na formação das palavras e frases, assim como de tirar suas dúvidas em inúmeros momentos. Senti-me sortuda, pude viver um momento rico, entre risadas e impasses acerca de qual seria a letra correta. Pude experienciar alguns dos desafios e potencialidades da EJA e ver, naqueles/as educandos/as, muita perseverança para errar sem desistir de tentar. Vi, também, a vergonha de errar.

Lembrei-me, então, dos rótulos que a sociedade desigual em que vivemos aplicou a este público. Senti-me privilegiada por ter a oportunidade de aprender com aqueles/as educandos/as sobre resiliência. Vivenciar o processo de alfabetização e letramento em contexto de EJA me despertou um medo de errar, pois ensinar um sistema tão complexo quanto a leitura e a escrita é, sem dúvidas, um desafio enorme.

Aprendi, com essa experiência, que alfabetizar jovens, adultos/as e idosos/as exige respeito ao tempo, a percepção, ao desenvolvimento de cada um/a e valorizar suas histórias e saberes. Essa é uma responsabilidade imensa: afinal, não se ensina apenas a decodificar letras, mas a viver em uma sociedade onde ler o mundo permite escrever a própria história. Com isso, aprendi que alfabetizar e letrar na EJA é, sobretudo, exercer uma docência humana na qual o ensino vai além de mostrar a função da leitura e da escrita, mas contribuir para que o sujeito consiga decodificar e refletir sobre o mundo injusto e desigual em que vivemos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da minha formação no Curso de Pedagogia, me vi diante de muitas aprendizagens, inquietudes e questionamentos frente ao fato de que estou me tornando uma pedagoga. Sinto-me aflita pois, em breve, serei uma profissional da Educação mas ainda não me sinto suficientemente preparada. Estou em pleno processo de construção da minha identidade docente. Ao mesmo tempo, sinto-me feliz pelas vezes que fui chamada de professora. Essa palavra, pronunciada pelos/as educandos/as direcionadas a mim, me chega como um abraço. Tenho entendido que ser professora é um processo, uma construção e que a segurança virá com a lida, com a vivência, com os encontros, com as trocas, com o experimentar o real.

Apesar desta dualidade sinto sede por saber e conhecer, mesmo tendo a compreensão de que temos um sistema educacional ainda falho e cheio de desafios. Nesse processo formativo tenho aprendido que ser docente demanda coragem de lutar com voz e corpo ativos para que tenhamos melhores condições de trabalho, para que nossos/as alunos/as tenham o seu direito à escola garantido, sobretudo os/as educandos/as da EJA. Isso tem me exigido uma desconstrução constante para me tornar a professora que desejo ser.

Com a experiência aqui relatada, alimentei muitas descobertas, anseios, sonhos e medos. Mas, também, tive a chance de aprender sobre os sujeitos da EJA e os desafios que enfrentam para voltar e permanecer na escola. Com isso, assim como na canção interpretada por Milton Nascimento, tornei-me “caçadora de mim”, e tal qual presente nos versos, a construção deste relato de experiência me exigiu “abrir o peito a força”, permitindo-me pegar o que sei e, ao mesmo tempo, me desconstruir para aprender novos saberes. Talvez o meu maior aprendizado tenha sido sobre a necessária humanidade que exercer a docência na EJA demanda, é preciso reconhecer que não sabemos tudo e ter abertura para aprender com quem, muitas vezes, pensa que não sabe nada.

Sendo assim, ao longo do curso e da prática vivenciada compreendi que o processo de ensinar é também o de ser ensinado, educar é igualmente ser educado/a, descobrir é também ser descoberto/a. Elos fortalecidos pela troca constante de saberes e valores que se encontram e revelam que a educação não é apenas técnica, mas também sensível, poética e transformadora, na qual cada história carrega marcas que exigem escuta e respeito.

Como diz Freire (1992, p. 58), “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira, às 4 horas da tarde. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. Assim, me movo como educadora e me afasto temporariamente de mim mesma, enquanto minha essência se entrelaça com as de tantas outras pessoas. Entendo que no exercício da docência, a desesperança por vezes virá me testar me fazendo duvidar do meu papel e cabe a mim resistir ao que me desanima e cultivar o esperançar acolhendo os meus erros e enfrentando as adversidades pois são ferramentas que oportunizam o meu aprendizado e me forjam enquanto profissional e ser humano.

Diante dessa perspectiva, como estagiária, pude compreender na prática de que forma a educação acontece e qual é sua função social, reconhecendo tanto suas virtudes quanto suas fragilidades. Percebi que ser docente não é simples, porém não é impossível de realizar. Todo dia é um desafio novo, um aprendizado novo, um sonho novo, um objetivo novo e um “eu” novo que se forma.

Assim, posso dizer que nessa jornada aprendi muito, sinto como se cada momento do meu processo de formação acadêmica e humana, inerente deste espaço, guiaram meus passos e me mostraram como ver criticamente o mundo me fazendo desejar exercer uma docência humana, uma docência viva, uma docência que incentive a resistência, a luta, a busca pelos sonhos, que abrace, que respeite, que não reprima perguntas, que recuse respostas prontas,

que mostre que o mundo está livre para quem quiser experimentá-lo, mas acima de tudo fazer de mim uma ferramenta para a liberdade de quem o outro sonhar ser.

No fim, ando em passos lentos. Como quem muito sente, muito teme e tem muito a aprender. Sou um ser falho que sonha em contribuir, por meio da educação, para que outros seres sejam livres, donos/as de si, persistentes defensores/as de suas essências e encontrem suas identidades e pertencimento. Sou alguém que sonha com que todas as pessoas possam ter gosto pelo mundo e por ser parte ativa dele. Considero a EJA esse lugar, que permite às pessoas sonharem com um mundo mais justo e digno, sonharem com uma vida melhor, sonharem e realizarem os seus sonhos. Isso é o que me move, como gente e como educadora(a).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da Noite**: do trabalho para a EJA – Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 mai. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 17 mai. 2026.

DI PIERRO, M. C. Tradições e concepções de Educação de Jovens e Adultos. In: CATELLI JR., Roberto (org.). **Formação e práticas na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017. p. 9-21.

FREIRE, Madalena. Educando o olhar da observação: aprendizagem do olhar. In: FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 15-37. Disponível em: <https://blogproinfanciabahia.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/educando-o-olhar-madalena-freire.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2026.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 58.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 52. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio

de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, M.; FÁVERO, O. A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. **Revista inter ação**, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 365–392, 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2022**: alfabetização: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3108/cd_2022_alfabetizacao.pdf. Acesso em: 30 mai. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n48/2178-2679-apraxis-17-48-60.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2026.

NASCIMENTO, Milton; TISO, Wagner. Coração de estudante. In: NASCIMENTO, Milton. **Ao Vivo**. Rio de Janeiro: Barclay, 1983. 1 trilha sonora (4 min).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista poíesis**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542/7012>. Acesso em: 23 mai. 2026.

RAMBO, Ricardo Albino. **Emancipação na perspectiva de Paulo Freire**. [s.p; s.d]. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/rambo.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2026.

CAÇADOR de mim. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Luiz Carlos Sá; Sérgio Magrão. In: **CAÇADOR de mim**. Intérprete: Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Ariola, 1981. 1 disco sonoro, faixa 6.